

recontado por
PAULO F.

10

belle & sebastian
THE LIFE PURSUIT



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

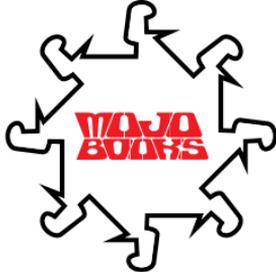
Danilo Corci
organizador



VOLUME 10

THE LIFE PURSUIT
belle & sebastian

recontado por **PAULO F.**



VOLUME 10

THE LIFE PURSUIT
belle & sebastian

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

design gráfico e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Fevereiro de 2007

As orações matinais deixam a garota inconsciente.

E é assim que sou desde que tudo aconteceu. Uma zumbi. Alguém que flutua como se a vida fosse uma canção interminável. Alguém cujo coração só bate porque ainda não teve coragem de parar. Cumpro esse hábito como se minha sobrevivência dependesse disso. E essa sensação ficou ainda mais intensa nos últimos três anos.

E hoje não será diferente. O sol invade o quarto e atravessa minhas pálpebras segundos antes do despertador tocar. Quinze minutos para as orações, tomo banho, visto uma camiseta verde, calça jeans, tênis azul e uma blusa com capuz – também azul –, este, quando vestido, me faz parecer uma super-heroína. Atravesso o quarto e vou até o computador. Desconecto a câmera e guardo-a na bolsa.

Uma foto na parede me chama a atenção. Tenho quase dezoito anos e estou encostada num poço, sorrindo, fazendo pose. A foto foi tirada em uma viagem. Tenho a sensação de que hoje minhas feições estão mais jovens do que naquele tempo maluco. Mais

mulher do que garota. É como o tempo preso em uma fotografia, impedido de passar.

Tiro da gaveta o dinheiro, apenas o suficiente. Já não há mais tanto quanto antes e logo vai acabar. Calculo que tenho mais uns cinco ou seis meses antes de começar a pensar em fazer algo para sobreviver. Coloco os óculos e saio.

Pego o ônibus para o centro da cidade, tomo um café e como um pão de queijo no primeiro lugar onde há cafés e pães de queijo. Ando sem rumo, devagar. Reparo em tudo que me desperta a atenção.

Se não fizesse isso todos os dias, estaria louca. Passei quatro dias depois do enterro dormindo na grande cama de casal no quarto de meus pais. No quinto, simplesmente me levantei, abri todas as janelas e arrastei a maioria dos móveis para fora. Ver as pessoas os levando embora, furtivamente, como se estivessem cometendo um crime, foi divertido. A maioria deles era bem cara, mas não me importava. Queria que sumissem mesmo.

Ando por horas e nada me desperta a atenção. Sigo adiante e pensamento algum me incomoda. De repente, começo a sentir um cansaço ancestral, como se essa caminhada infinita, enfim, se aproximasse de um final. Todos os caminhos pelos quais ando, por mais novos que sejam, sempre me parecem familiares. Ou

seria a cidade que está perdendo a sua graça, como se Deus tivesse ido dormir numa pequena vila do interior e esquecido tudo e todos por aqui?

* * *

Sua mãe a chacoalhava na cama. A raiva, visível em seus vasos sanguíneos dilatados e nos olhos injetados. Gritava tanto que a saliva formava montinhos de baba leitosa e grudenta no canto dos lábios. Estava encrocada, de novo. Ela se desvencilhou das mãos descontroladas, virou-se na grande cama e pulou para fora, colocando-se do lado oposto de sua mãe. Sua atitude, apesar da expressão sonolenta e das olheiras, foi desafiadora.

Emma olhou rapidamente ao redor e viu que, além de passar das duas da tarde, todas as roupas da noite passada continuavam jogadas pelo chão do quarto. No chão também estavam uma garrafa de uísque meio cheia — ou meio vazia — e um pequeno embrulho com um pó branco, que certamente não era talco. Uma encarou a outra por alguns segundos. A mãe respirou fundo, se recompôs e lentamente ergueu a mão, posicionando o dedo indicador em sinal de ameaça. Abriu a boca uma ou duas vezes, tentando encontrar as palavras certas ou engolir as erradas.



— Sua vagabundinha... — e essa foi a única palavra capaz de ser distinguida, pelo simples fato de nunca ter ouvido tal expressão saindo da boca de sua mãe. Da avalanche de gritos, broncas e ameaças que se seguiu, só consegui pescar uma ou duas palavras. Ainda não despertara totalmente, a boca estava seca como o deserto e a mente confusa misturava os gritos com os ecos da noite passada, o torpor do uísque puro e a leveza acelerada da cocaína. Enjoada demais até para se importar.

Subitamente sentiu o conteúdo do seu estômago invadindo a garganta. Segurou o ímpeto. Balançou a cabeça e apoiou-se na cama. Ficou nessa posição tempo suficiente para notar, além do fio de baba que ia da sua boca ao lençol, o silêncio no quarto. Levantou os olhos e viu a mãe chorando com a mão na boca. Soluçava. Tentou dizer algo, mas desistiu e deixou-se despencar na cama, onde caiu no sono imediata e irreversivelmente.

* * *

Catalogando as fotos que bati essa tarde, uma em especial me chamou a atenção. A foto de um garoto com blusa azul-marinho por cima de uma camisa branca, calça jeans e tênis, sentado no canteiro de um jardim lendo um livro. Atrás, uma pequena igreja,



tão velha quanto a cidade, com um relógio marcando meio-dia e trinta e quatro e uma faixa do Bazar Beneficente Paroquial. Suspiro. A vida é cheia de ironias.

Dou um *zoom* na imagem do garoto de gola branca, imprimo a foto e passo horas analisando aquela figura tão estranha e, ao mesmo tempo, tão familiar. Encosto a foto na luminária ao lado da cama e tento fisgar alguma lembrança, mas o sono me fisga e adormeço olhando para ela.

São dez e quarenta e cinco. O despertador não tocou, o sol não me acordou e até a inércia me abandonou. Visto correndo a mesma roupa de ontem, jogo a câmera dentro da bolsa e saio correndo pela rua. Só não perco o ônibus porque quase sou atropelada por ele.

Meu joelho balança nervosamente. Estico o pescoço de três em três segundos para ver se o trânsito anda. Todos os sinais vermelhos me irritam. Alguém lá em cima não gosta muito de... As orações! Lembro-me que não fiz as minhas orações da manhã. Idiota! Tento me concentrar para fazê-las mas a sinfonia de conversas, buzinas e motores não deixa. Fico mal por, depois de tanto tempo, ter simplesmente esquecido.

Desço no mesmo ponto de ontem, são doze e quarenta e três. Chego em trinta minutos na praça. São quase treze e quinze no



relógio da igreja. Jogo-me no mesmo banco de onde tirei a foto e tento recuperar o fôlego, lutando contra as evoluções do meu estômago e a tremedeira das pernas. Mas o que importa é que o garoto da gola branca não está em seu lugar. Tiro a foto da bolsa, seguro-a à minha frente, fecho um dos olhos e, como mágica ela se encaixa na paisagem. Lá está ele, imóvel. Quando a tiro da frente, o canteiro continua vazio.

O ponteiro do relógio se move até quinze horas, o garoto não aparece e a impaciência não desaparece. A porta da igreja está aberta. Sinto um desejo inexplicável de entrar e tentar me redimir da falha da manhã. Mas e se o garoto aparecer? Se até quinze e quinze ele não aparecer, eu entro. Duas horas são mais que suficientes para perceber quando alguém não vai mais aparecer. Deus, como se posso sentir saudade de alguém que nem conheci ainda?

* * *

Dois dias depois, ouviu enquanto os pais planejavam o futuro dela. Nenhum falara com ela desde a tarde da ressaca infernal. Viu apenas de relance sua mãe deitada na cama, segurando um terço e dormindo com a boca aberta. Caíra doente logo após a discussão e até o médico da família precisou ser chamado às



pressas. Seu pai, como era de se esperar, não deu as caras. Nem sequer deu bronca ou castigo. Diziam que essa era sua função, mas já fazia tempo que Emma duvidava disso.

Pelo que conseguira ouvir, a história já havia caído na boca de suas colegas do colégio, nas de suas mães e, conseqüentemente, nos ouvidos do Padre, que viera advertir seus pais verbalmente. A mãe lamentava alto e claramente pela vergonha que a filha lhe havia causado. Nunca, em anos naquela comunidade, ninguém havia sujado de tal maneira o sacro nome da família. Logo a pequena Emma, que desde pequena acreditara e respeitara cada palavra do Livro Sagrado, que orava todos os dias antes de dormir e ao acordar, que nunca perdera uma missa. Ela era agora considerada má influência para as alunas do tão prestigiado colégio católico em que estudava. Um soluço tão audível quanto um tombo ecoou pela escada, o silêncio encheu a sala.

O pai, então, tentou argumentar que era coisa da adolescência, uma fase, e que logo tudo voltaria ao normal. A mãe direcionou sua fúria ao progenitor, acusando-o, e aos seus mimos, de transformá-la numa alcoólatra, numa viciada, numa put... outro soluço. O pai levantou a voz e, por outros motivos, jogou a culpa de volta para a mãe.

Quando começaram a brigar, Emma foi para o quarto e colocou o *headphones*.





Ela sabia que havia pisado na bola. Não podia mais contar com ninguém, nem contar como suas colegas de colégio não eram tão santas quanto pareciam. Aqueles belos exemplos para pais e amigos eram capazes das coisas mais terríveis. Invejosas, frias e maldosas. Quantas histórias de sexo oral em banheiros do colégio, de drogas nos intervalos, de pequenas orgias mascaradas de trabalho em grupo dessas finas flores da sociedade não corriam entre as garotas? E agora Emma fora a escolhida para ser o bode expiatório. Seria punida para servir de exemplo a todas as outras. E elas certamente zombariam e continuariam exatamente iguais, protegidas pelos seus pais e mães. Eles, que são tão discretos e tão hipócritas, que se fodam também! Não aceitaria isso, não assim, tão facilmente. Também não teria aceitado a conclusão a que seus pais chegaram, de que seria melhor alguns meses em uma clínica psiquiátrica e, depois, o colégio interno.

* * *

Às seis, o sino da igreja tocou; e a culpa finalmente acabou. Quase três horas de total devoção devem ser suficientes. Não sei onde estava com a cabeça quando troquei minhas obrigações por um garoto. Saio da igreja andando rápido e com a vista emba-

çada por lágrimas de alívio. Abro a bolsa à procura de um lenço e, quando termino de descer os degraus que levam à praça, um choque violento me joga ao chão. Minha bolsa e tudo o que há dentro dela vão junto, inclusive a câmera, que solta um estalo alto e suspeito ao se chocar contra o chão.

Arrasto-me até ela e noto que a tela está trincada de um lado a outro. Tento ligar, mas ela não funciona. Ouço os sons de pequenas peças soltas dentro dela. Praguejo, sem notar ao meu lado um rapaz recolhendo o resto das minhas coisas e engatinhando até o primeiro degrau da escada, onde havia um livro caído. Levantou-se e me estendeu a mão. Levanto-me decidindo se o agradeço ou xingo, mas sei que a culpa foi minha também. Ergo o rosto para agradecer, e as palavras fogem. É ele! O garoto da gola branca bem na minha frente, me olhando e esperando que eu diga algo. E digo a primeira coisa que me vem à mente:

— Eu tirei uma fotografia sua no canteiro das plantas.

* * *

Os faróis do Audi do pai de Emma rasgavam a pesada névoa da madrugada como faca quente na seda. O efeito da pílula se fazia presente, e seus sentidos começavam a se intimidar e a



se esconder em algum lugar obscuro de sua mente. Tudo isso, misturado à inexperiência da garota ao volante, a transformavam numa bomba ambulante.

O carro serpenteava, parava violentamente e, vez ou outra, adiantava-se na direção contrária e brecava ruidosamente. Atrás do pára-brisa, Emma corajosamente mantinha o carro em linha reta por uma rua que balançava e mudava de direção subitamente. Sorria, como se suas habilidades no volante se mostrassem, cada vez mais, únicas e arrojadas. Conseguiria atravessar uma ponte que estivesse sendo balançada de lá pra cá por um gigante ensandecido. Mas, na realidade, não saía do mesmo quarteirão havia dez minutos.

O barulho do motor sendo forçado a girar no limite, o arranhar de marchas enfiadas, brecadas ruidosas e as rápidas e constantes buzinas, acabaram chamando a atenção dos residentes. Aos poucos, todas as janelas tornaram-se amarelas-luz-de-lâmpada, e silhuetas surgiram para assistir ao espetáculo bizarro.

Em sua estrada cambaleante, Emma continuava seguindo impavidamente adiante, até que uma árvore empurrou o carro contra uma parede, uma cesta de lixo e voltou para se jogar diante do carro, que parou quando o grosso tronco quase dividiu o motor em dois. Estrelas dançaram ao redor de sua cabeça como



num desenho animado. Achou tudo muito engraçado, principalmente quando tentou se encostar na porta e caiu na calçada. Virou-se, abriu os braços e pernas, depois fechou, voltou a abrir, cada vez mais rápido. Queria sair voando daquele mundo maluco. Nuvens começaram a se aproximar. Muitas, dezenas de nuvens a confortavam. Algumas a tocaram, e então sentiu o chão se distanciando. Elas a levantavam como se tivessem mãos, e Emma ria de maneira eufórica, batendo braços e pernas entre as macias brumas de seu céu negro.

Afastaram-na do carro e um dos homens apagou um pequeno incêndio que começara no motor semidestruído. Emma debatia-se e gargalhava como uma louca na noite. Depois de suportarem alguns tapas, pontapés e arranhões, os homens deixaram-na deitada na calçada e esperaram pacientemente a chegada de alguém que desse um fim àquela balbúrdia. Muitos tinham de ir para o trabalho dentro de poucas horas e não podiam ficar cuidando de uma garota rica e drogada que acordara, além deles mesmos, suas esposas e filhos. Já haviam ligado para a polícia, e ela não tardaria a chegar.

Quando as primeiras sirenes se fizeram ouvir, Emma já estava mais calma. Arrancava tufos de grama e terra e soltava-os sobre seu corpo, cantando uma estranha canção. Cer-



tamente não percebeu quando foi algemada e colocada dentro do camburão.

* * *

Se o garoto da gola branca tivesse me considerado louca, não estaria agora comigo no mesmo lugar onde tomei café-da-manhã ontem. Descobri que ele, além de falar muito, também tem suas manias. Gosta de começar e terminar de ler um livro no mesmo lugar, o que é escolhido após uma detalhada pesquisa; que sai de casa todos os dias e vai até esse lugar, onde passa o dia lendo. Hoje, em especial, ele não conseguiu ir até a praça para ler. Como faltavam poucas páginas para terminar seu livro, achou que conseguiria acabar antes de anoitecer... por isso estava correndo quando trombou comigo.

Eu quase não falo. Prefiro ver seus lábios se mexendo, dizendo aquele monte de coisas interessantes. Faz tanto tempo que não converso com alguém que acharia infinitamente cativante até mesmo se ele começasse a latir. Observo-o, absorvo em suas palavras.

— E o fato de eu gostar de deitar numa doca debaixo de um sol preguiçoso nunca vai me relegar à condição de vagabundo!

Depois de colocar em pé o saleiro, o *catchup* e a mostarda — que tombaram depois do soco que deu na mesa — ele sorriu e ficou me olhando em silêncio.

— Acho que eu falo muito, não é?

Nego com a cabeça.

— É você que fala pouco?

Concordo.

— Então vou ficar em silêncio até que você diga alguma coisa.

Ficamos em silêncio por uns dez segundos.

— Você não vai agüentar este silêncio constrangedor e logo vai começar a falar.

Eu quero falar, só não sei o quê. As palavras aparecem e somem da minha mente tão rápido que nem consigo juntar algumas para dizer algo que faça sentido. Sei que ele vai achar que não quero, mas eu quero. Preciso. E então, quando vou dizer algo, o garçom aproveita o silêncio para jogar a conta em cima da mesa e anunciar que estão fechando.

Passam das onze, é tarde. Mais tarde do que eu esperava. Ele paga a conta dos dois, o que nos leva a um pequeno atrito. Ele acaba vencendo com um sorriso e se oferece para me acompanhar até o metrô. Continuo em silêncio, mas observo de canto de



olho cada movimento dele. E ele finge que não percebe.

Na catraca, desperdiçamos uma despedida antes de descobrirmos que vamos pegar o mesmo trem. Bem, se algo acontecer, pelo menos já nos despedimos. Esse pensamento me deixa triste. Enquanto esperamos o trem, percebo que ele já não consegue falar muito. Meu silêncio o intimidou.

Enfrentamos seis estações e duas baldeações até que chega a hora de ele descer. Eu o abraço com força e beijo de leve seus lábios. Seus olhos arregalados me fitam. A campainha toca e ele salta para fora. Vejo-o se afastar na plataforma, totalmente confuso, imaginando se me verá de novo, reprimindo-se por não ter pedido meu telefone quando teve a chance. Então me divirto imaginando sua surpresa quando encontrar no bolso um bilhete com meu nome, telefone e uma mensagem dizendo:

“Se eu tivesse uma segunda pele, provavelmente a vestiria em você.”

* * *

Viu-se sozinha com o pai pela primeira vez. Enquanto árvores, casas, pessoas e sacos de lixo passavam pela janela do carro, teve a clara sensação de que também era a última. Olhou para



aquele homem que mal conhecia, sentado ao seu lado, no mesmo lugar onde estivera durante toda a sua vida e grande parte da dele. Seu rosto não era nem de perto parecido com aquele que tinha em sua mente. As profundas olheiras, o lábio levemente encurvado, o nariz achatado, o queixo pequeno dando início a uma papada murcha e flácida o tornavam outro homem. Por um segundo chegou a se perguntar quem era aquele homem sentado ao seu lado.

Quando percebeu que estava sendo observado, o homem virou-se para Emma, sem desviar a atenção da direção e logo voltou os olhos à rua novamente. Ela Lançava sobre ele um olhar que ia além da simples observação, parecia perscrutar toda a alma dele, descobrindo toda a raiva, preocupação e frustração que sentira aquela noite. Ele amava a garota ao seu lado mais do que a própria vida, mas não sabia suportar as conseqüências desse amor. Não fazia a mínima idéia de como lidar com ele, especialmente depois que a menininha de cabelos cacheados, com quem andava de mãos dadas no parque, havia se tornado essa adolescente criadora de problemas. A decepção caíra tão pesada sobre sua vida, em todos os sentidos, que aquele simples olhar feria mais do que um golpe de punhal.

O sinal fechou. Os olhos de Emma continuavam pousados



sobre ele que, depois de um profundo suspiro, retribuiu o olhar. Uma expressão neutra tomou o rosto cansado do homem. Sentiu-se mal por tudo que fizera aquele homem passar. Sentiu vontade de chorar e arremessar-se em seu colo como fazia ainda havia tão pouco tempo, mas uma barreira os separava. Reuniu todas as suas forças e disse:

— Pai, desculpa...

A expressão neutra cedeu lugar à um misto de espanto com nojo no rosto do homem.

Mas antes que pudesse continuar a dizer tudo o que havia para ser dito, um tapa atingiu seu rosto. Virou-se de novo para a janela e ficou em silêncio.

O sinal abriu, ele acelerou. E uma lágrima de pai escorreu enquanto dobrava a esquina.

* * *

Ele ligou no dia seguinte, para minha surpresa. Achei que depois da demonstração do “voto de silêncio”, o garoto da gola branca não fosse mais se interessar. Acho que homens gostam de mistério, sentem-se atraídos, querem desvendá-lo. Por isso fiz questão de continuar sendo um mistério até o nosso quarto encontro.



No segundo, fui fria o máximo que pude, só abri a boca para cumprimentá-lo. De quando em quando, deixava também escapar um sorriso ou outro, só para lhe dar confiança. Quando nos sentamos num banco de praça, encostei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos. Logo depois fui embora. Aquilo deve tê-lo matado.

No terceiro, meu estado de espírito ajudou. Cheguei até mesmo a falar mais. Quando percebi, já havia falado demais, ele estava confiante demais. Então, para equilibrar um pouco as coisas me despedi friamente e fui embora sozinha.

E mesmo assim ele marcou um quarto encontro.

Caminhamos em silêncio por entre os prédios. Como na primeira vez, eu o olho de canto e ele finge que não percebe. Como na primeira vez, comemos pão de queijo e tomamos café. Mas, ao contrário da primeira vez, ele se mantém em silêncio sepulcral. Depois de vinte minutos, a curiosidade cresce dentro de mim e não consigo evitar que escape um sorriso no canto do lábio.

Um *flash* me pega de surpresa, e ele me mostra a foto que acabou de tirar.

— Este é seu sorriso Mona Lisa?

Sorriso e, finalmente, nossos olhos se encontram. Uma sensação de conforto me invade. Ele sorri também e ficamos assim por alguns segundos.

— Toma. Esta câmera é sua. Eu vi que você ficou muito chateada quando a sua quebrou, e eu me sinto um pouco responsável pelo que aconteceu. Quero que você fique com esta.

Controlo meu impulso de beijá-lo por exatos dois segundos. Sei que ele é um leitor compulsivo, que lê um livro a cada dois dias, que já leu mais de mil livros, e que cada escritor lhe descreveu lugares onde nunca esteve, sensações que nunca experimentou, visões que nunca sequer seria capaz de imaginar.

Mas aposto que nenhum deles foi capaz de descrever algo como esse beijo.

* * *

Acendeu um cigarro e ficou olhando o jardim. Sua mãe checava as plantas como o general vistoria seu pelotão antes da batalha. Tudo para aquela mulher tinha de ser perfeito, e até mesmo as pequenas imperfeições inevitáveis figuravam para ela como um insulto pessoal. O pequeno jardim nos fundos havia, portanto, se tornado seu oásis de perfeição, o único lugar da casa, e talvez da vida, onde havia um mínimo de controle. Ali, as coisas funcionavam da sua maneira.



pensamentos. Antes de entrar na casa, viu que a filha a observava do quarto. Sentiu raiva, como sentia sempre que se lembrava no que aquela garota havia se transformado.

Emma não prestou atenção no ranger das escadas. Quando a mãe irrompeu o quarto com aquele senhor de terno e gravata, não teve tempo de esconder o resto do cigarro. A mãe, com um sorriso, caminhou até ela, tirou o cigarro de sua mão e mostrou para o homem.

— Disso nem eu sabia. Nada mais me surpreende – disse, saindo do quarto.

O homem não fez nenhum movimento, mas observou-a dos pés à cabeça. Logo depois ouviu-se o barulho da descarga e a mãe retornou. O homem voltou-se para a mãe e deu a entender que ela deveria deixá-los a sós. Puxou a cadeira da escrivaninha, ajustou as calças e sentou-se. Passou dois minutos olhando para Emma. A garota estava achando aquilo engraçado demais, mas sabia que devia manter uma postura indiferente. Numa atitude desafiadora, tirou outro cigarro do maço e acendeu. Tragou e soltou a fumaça lentamente. O homem continuou imperturbável.

— O que você acha que está fazendo da sua vida, Emma?

Sua voz tinha uma leve entonação aguda no fim de cada palavra.



Deu de ombros.

Sua mãe acha que você está com sérios problemas mentais. Você concorda com isso?

Negou com a cabeça e começou a entender o que aquele homem fazia ali. Devia estar incumbido de dar o embasamento necessário para que pudessem trancá-la em algum hospital.

— Acho que a louca desta casa é ela.

— E no que você se baseia para dizer isso?

— Em você. Por que ela chamou você?

— Estamos falando de você.

— Sim, estamos falando da razão pela qual você entrou no meu quarto com essa cara de peixe-morto e se achou no direito de me analisar.

Sem mover a cabeça, o homem perscrutou o quarto e assentou os olhos sobre a Bíblia, que estava aberta sobre o criado-mudo.

— Pelo jeito você é uma garota religiosa, além de obviamente muito inteligente. Por que age desse jeito?

— Eu não sou nenhum gênio, nenhum demônio da matemática. Não ganhei prêmio nenhum. Uma hora a gente cresce e percebe que não é o que todos esperavam de você. E que não deve ficar preso a isso.

— Você se sente frustrada, Emma?

Ela atirou o cigarro no homem, que se esquivou rápido como um gato e, estranhamente, levantou-se e apagou o cigarro com o sapato.

— Se você não sair daqui agora eu encontro alguma coisa melhor para jogar.

O homem não se mexeu.

Emma subiu na cama e começou a gritar. Os berros atraíram sua mãe, que achou melhor retirar o homem dali. A garota caiu na cama chorando, esticou o braço e atirou a Bíblia contra a porta que se fechava.

Os olhos vermelhos, os cabelos grudados no rosto pelas lágrimas. Aquela no espelho não podia ser ela. Se fosse, teria de exterminar de uma vez por todas as forças que exerciam tanta influência sobre ela. Travou a porta com a cadeira e pegou de dentro do armário a maior mochila que tinha.

* * *

A sensação de estar nua numa cama ao lado de um garoto havia escapado totalmente de minha memória e do meu corpo. Sinto seu ressonar ao meu lado, uma presença estranha e com-



plicada. Afasto-me dele na cama e posso nos ver no espelho do guarda-roupas entreaberto.

A Bíblia rasgada e amassada em cima do criado-mudo me olha com reprovação. Sei que não devia ter baixado a guarda, me iludido, deixado que outra pessoa entrasse na minha vida. Coisas boas nunca acontecem quando...

— Oi. Você tá bem?

Ele está apoiado no braço. Sua cara de sono e os cabelos bagunçados deixam-no ainda mais lindo. Quero pular em seus braços, me aninhar e nunca mais sair. Quero pedir a ele que me proteja.

— Sim, tudo está bem.

— Tem certeza?

— Tenho, só preciso ir ao banheiro.

A porta parece distante e impossível de ser alcançada. Mas, como sempre, a porta poderia me salvar e, principalmente, salvá-lo, meu garoto da gola branca.

— Emma, espere.

Congelo. Ele empurra as cobertas e alegremente pula da cama. Só então noto como seu corpo é belo e frágil. Sem músculos, branco como leite e liso, sem pintas, nada. Quase um anjo.

O anjo se aproxima, beija-me e abraça-me. Encosto minha

cabeça em seu peito e escuto seu coração batendo. Fecho os olhos e espero que aquele som me acalme, até que outro, o som da sua voz, chama a minha atenção.

— Emma. Eu te amo.

Ele diz tais palavras do exato modo como tais palavras devem ser ditas. Sem alarde, hesitação e sem mover o corpo ou abrir os olhos. Meu coração, ao contrário, acelera, minhas pernas amolecem e sinto o quarto rodar.

Segurando minha mão quando tento me afastar, ele me puxa de volta para a cama. A cama então se torna tão distante quanto a porta. Sorrio desconcertada.

— Eu ainda preciso ir ao banheiro.

Ganho o sorriso mais lindo que já vi na vida e saio quase correndo. Ao passar pelo quarto dos meus pais tenho a nítida impressão de que dois corpos jazem embaixo das cobertas. Abro porta, mas não há nada lá.

Se o amor é essa bagunça, o que acontece com todos os outros sentimentos?

Sento-me na cama e choro. Volto silenciosamente até o quarto. Ele dorme. Tiro uma foto de seus olhos fechados, de seu rosto contra o travesseiro. Tão em paz como se estivesse morto... Morto. Abro o armário e pego a maior mochila que tenho.



* * *

A carta, que os pais de Emma não encontraram, foi deixada em cima de sua cômoda no dia em que tudo aconteceu. Ela dizia:

Vocês sempre me ensinaram a temer o Inferno, a viver minha vida de modo que nunca pudesse ser tragada pelas suas chamas. Mas hoje vejo que estavam errados, que eu estava errada e que até mesmo Deus e Suas palavras estavam errados.

Eu temi o Inferno. Tentei fugir dele o máximo que pude, mas foi impossível. O Inferno sempre esteve dentro de mim, dentro desta casa, e as únicas pessoas que podiam me salvar dele eram vocês. Mas isso não aconteceu. E eu os trouxe para o meu inferno. Transformei tudo o que era bom e sagrado para vocês em algo terrível.

Por isso, preciso encontrar, com meus próprios meios, o Paraíso prometido. A Paz.

Para mim e para vocês.

Com amor — se é que isso existe,

Emma

* * *



Na manhã seguinte, Emma foi localizada na rodoviária, esperando um ônibus para alguma cidade do Sul onde fizesse muito frio. O advogado da família se aproximou e sentou ao seu lado. Logo que o viu se aproximando, pensou em fugir, mas estava muito cansada. Mal levantou a cabeça para ver a expressão de profunda tristeza em seu rosto.

Com todo o tato do mundo, o homem informou a Emma que seus pais estavam mortos. Aparentemente alguém havia esquecido o gás aberto durante a noite. As pesadas cortinas, as janelas e as portas anti-ruídos colocadas por sua mãe impediram que o ar circulasse e o gás se dispersasse. Foi fatal.

Emma não chorou, apenas abaixou a cabeça, sentindo como se houvesse um pequeno sapo em sua garganta.

* * *

Fui acordado pela luz do sol que invadia implacavelmente o quarto. Durante a noite, não notei que não haviam cortinas. A violência com que aquela luz atingiu meus olhos ressoou no fundo da minha cabeça, causando uma violenta pontada.

Quando o choque se desfez, percebi que Emma não estava na cama. Levantei-me preocupado e pisei num monte de roupas



caídas no chão. Vesti a calça e procurei pela casa. Um cheiro de coisa velha invadiu meu nariz. Parecia que aquela casa imensa não recebia uma faxina havia anos. Olhei em cada cômodo e notei que não havia cortinas em nenhum deles. Em outros, as janelas estavam abertas havia tanto tempo que o chão estava repleto de folhas secas. A sala estava sem móveis e a cozinha, por incrível que pareça, era a parte mais limpa da casa. Chamei-a diversas vezes, mas Emma não respondeu. Decidi ligar para seu telefone. Voltei para o quarto e, perto do computador, encontrei seu celular; uma foto minha sentado num canteiro e uma carta.

Meu garoto da gola branca. Algumas coisas nunca mudam; outras, nunca mais serão iguais.

Você merece ter uma vida boa e legal e interessante. Você me ajudou. Eu lhe agradeço por isso, mas não posso exigir mais nada de você. Também posso dizer que te amei, ou que te amo, mas isso não mudará nada. Acredite, eu sei.

E só vou embora porque, para que eu possa ser completa, tenho de continuar te amando como agora. ,E para eu possa ser completa, tenho de dizer adeus.

*Adeus,
Emma*

* * *



Não gosto de andar de metrô sozinha. Sempre fui insegura, e sempre tive receio de me ver presa com um monte de pessoas estranhas num tubo minúsculo. Mas hoje, pela primeira vez, estou aqui esperando o trem chegar. O trem que me levará embora. Vejo pela última vez a foto do meu garoto de gola branca. Em paz, como morto. Passo então a observar os trilhos, tão limpos, tão brilhantes, seguindo infinitamente para duas direções diferentes. Vindo do infinito e indo para o infinito. Possibilidades que se apresentam para mim.

FIM



SOBRE A BANDA

Em 1995, na fria Glasgow, Escócia, surge o Belle & Sebastian. Quase um coletivo musical, a banda nasceu do idealismo de Stuart Murdoch e Stuart David, que convocaram Isobel Campbell, Chris Geddes, Stuart Jackson e Richard Colburn.

O Belle & Sebastian começa a ficar internacionalmente conhecido a partir *If You're Feeling Sinister*, de 1997, e *The Boy With The Arab Strap*, em 1998. O jeito musical B&S usa a melancolia e a ironia, herdeira dos Smiths, do Velvet Underground e do *folk*, gerando um culto pela banda. O casal Murdoch/Campbell ditava a química da banda, mas quando esta última partiu, o som mudou.

Com *The Life Pursuit*, a influência do *pop* dos anos 60, do indie pop e do *folk* que lhe deram fama ainda estão presentes, mas recebe forte injeção de *soul*, *glam rock* e do *soft rock* setentista como em nenhum outro disco de sua carreira.

CRÉDITOS ORIGINAIS

THE LIFE PURSUIT - BELLE & SEBASTIAN

Fotografia por Alex Prager

Design por Belle & Sebastian

Lançado em Fevereiro de 2006

Selo: Matador Records

Produzido por Tony Hoffer

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.belleandsebastian.co.uk

SOBRE O AUTOR

Paulo F. nasceu em São Paulo em 1980, escreveu diversas peças teatrais, roteiros, contos e um romance. É formado em Roteiro e Produção Editorial pela Anhembí-Morumbi. É um dos idealizadores da revista *MURO* - www.edmuro.cjb.net. Lançou, em 2005, o livro de contos *Sobre o Infinitivo* e em 2007 lança o romance *Algo no jeito como ela se move*. Mantém no ar o *blog* pediadeus.blogspot.com.

10 THE LIFE PURSUIT

BELLE & SEBASTIAN

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. ACT OF THE APOSTLE PART 1
2. ANOTHER SUNNY DAY
3. WHITE COLLAR BOY
4. THE BLUES ARE STILL BLUE
5. DRESS UP IN YOU
6. SUKIE IN THE GRAVEYARD
7. WE ARE THE SLEEPYHEADS
8. SONG FOR SUNSHINE
9. FUNNY LITTLE FROG
10. TO BE MYSELF COMPLETELY
11. ACT OF THE APOSTLE PART 2
12. FOR THE PRICE OF A CUP OF TEA
13. MORNINGTON CRESCENT

